

Julgamento no STF cria teste para 'bolsonarismo sem Bolsonaro'

Para Rafael Cortez, cenário é diferente do enfrentado por Lula quando foi preso pela Lava-Jato

Por **Joelmir Tavares**, Valor — São Paulo

03/09/2025 06h02 · Atualizado agora

O julgamento de **Jair Bolsonaro (PL)** no Supremo Tribunal Federal (STF) por tentativa de golpe de Estado antecipa um desafio de sobrevivência política para o ex-presidente e seu grupo, na avaliação do cientista político **Rafael Cortez**. A possível condenação pode testar a força de Bolsonaro no longo prazo, mas não deve afetar o potencial dele como cabo eleitoral para 2026, afirma o sócio da consultoria Tendências e professor do IDP de São Paulo, em entrevista ao **Valor**.

"A pergunta que se impõe é em que medida o bolsonarismo sobrevive sem o Bolsonaro", diz Cortez. Para ele, o ex-presidente "personificou o antipetismo a partir de 2018" e "tem base social", mas falhou em "transformar uma força eleitoral em projeto político".

O analista considera que a "incapacidade de fazer a política institucional" é um dos empecilhos para a manutenção da força de Bolsonaro, cenário diferente do enfrentado pelo presidente **Luiz Inácio Lula da Silva (PT)** quando foi condenado e preso pela **Operação Lava-Jato**. "Isso vai fazer falta."

- **Fernando Exman: Julgamento de Bolsonaro representa momento de virada crucial**

Segundo ele, o bolsonarismo "vai ter um desafio no pós-Bolsonaro" por causa da dificuldade ao longo dos anos de "montar coalizões" e "operar pelas regras do jogo". Cortez cita o fracasso na criação do partido Aliança pelo Brasil como exemplo dessa fragilidade, que ilustra a dificuldade de se "institucionalizar como grupo político".

"O bolsonarismo precisou recorrer ao 'mainstream' político e agora paga a conta dessa opção, com a tentativa do Centrão de ocupar o espaço do bolsonarismo como eixo do antipetismo", completa, citando a pré-candidatura do governador de São Paulo, **Tarcísio de Freitas (Republicanos)**, apoiada pelo Centrão, como exemplo desse constrangimento.

Para Cortez, apesar da indefinição de Bolsonaro sobre eventual sucessor e do racha que o assunto provoca entre aliados e familiares, o ex-presidente deve conseguir influenciar o pleito do ano que vem.

"Ainda vejo Bolsonaro relevante neste ciclo eleitoral de 2026, mas é uma questão de tempo para que o bolsonarismo acabe perdendo relevância. Esse movimento é mais rápido se um outro nome ocupar essa liderança", avalia.

A bandeira da **anistia** é "um elemento que unifica o antipetismo neste momento", mas há dúvidas sobre a continuidade dessa ligação entre diferentes forças caso Bolsonaro seja condenado e preso. "Com a prisão, o senso de urgência para a organização da direita vai ficando reforçado."

O envolvimento de Tarcísio na defesa da anistia, acentuado nas últimas semanas, é um sinal de que "ele está querendo cooperar com o bolsonarismo", mas também joga dúvidas sobre o "perfil moderado" atribuído ao governador. A eventual escolha de Tarcísio como sucessor de Bolsonaro é rejeitada pelo deputado federal **Eduardo Bolsonaro (PL-SP)**, que defende uma candidatura "pura" do campo.

De acordo com Cortez, os próximos meses serão uma oportunidade de entender "em que medida Tarcísio é continuidade do bolsonarismo", especialmente se a candidatura for confirmada. O especialista ressalva, contudo, que o quadro eleitoral não deve se consolidar imediatamente após o julgamento. "A tendência agora é de movimentos marginais das preferências do eleitorado."